

A arte a serviço da transformação social

Clarice Libânio¹ e Ronaldo Silva²

Em 2004, publicamos o Guia Cultural das Vilas e Favelas de Belo Horizonte, produzido a partir de vasta pesquisa de campo, realizada nas 226 áreas periurbanas da capital mineira. A partir dos resultados, foi possível perceber que há, nas vilas e favelas da cidade, uma rica, plural e ampla produção cultural, que, entretanto, sem visibilidade e divulgação, não se dá a conhecer, restringindo-se, muitas vezes, a seu local de produção..

A pesquisa identificou a presença de cerca de 740 grupos artísticos em atividade nesses locais, que envolvem aproximadamente 7 mil pessoas em sua produção cultural. Após a publicação do Guia, vários outros grupos já se formaram e outras manifestações foram identificadas, indicando que esse número certamente é muito maior e confirmando o grande potencial da ação cultural nas vilas e favelas da cidade.

Quanto à questão financeira, dados levantados pelo Guia Cultural revelam que apenas 20% dos artistas das favelas obtêm renda com a atividade artística desenvolvida, realçando que, de fato, não se concretizam as possibilidades de geração de renda com a produção cultural nas periferias da cidade.

Se o ganho econômico não se realiza concretamente entre os grupos pesquisados, isto é, se não se consegue viver de arte - ao contrário, muito se gasta para produzir -, é necessário buscar em outro campo explicações para a proliferação da produção artística nas áreas periurbanas nos últimos anos. Apesar de permanecerem desconhecidas do grande público, percebe-se que tais manifestações desempenham papel fundamental na vida dos agentes e na vida da comunidade, não apenas do ponto de vista da diversidade artístico-cultural, mas também no que se refere à inclusão social, resgate da auto-estima e combate à violência.

Alimentar o sonho de uma vida melhor, para si e para a coletividade, é uma das funções principais da atividade artística. E, nesse aspecto, a cultura e suas diversas formas de manifestação revelam-se revolucionárias, transformadoras da sociedade, das relações e dos sentimentos humanos.

¹ Clarice Libânio é antropóloga e autora do Guia Cultural das Vilas e Favelas de Belo Horizonte e membro da Ong Favela é Isso Aí.

² Ronaldo Silva é formado em Psicologia e Direito e membro da Ong Favela é Isso Aí.

Um dos termos mais ouvidos em entrevistas com os artistas das vilas e favelas é “auto-estima”. A auto-estima envolve a percepção que o sujeito tem de si, seus sentimentos em relação à sua imagem. Essa imagem vincula-se efetivamente ao sentimento que outrem desenvolve em relação à sua pessoa e ao produto final de seu trabalho, no caso, no âmbito do campo artístico. Em outras palavras, constrói-se a auto-estima, o gostar de si mesmo, a partir do reconhecimento do outro.

Assim, em áreas tantas vezes marcadas pelo preconceito, pela não-aceitação e pela degradação das condições de vida, trabalhar com arte pode tornar-se uma poderosa alavanca para a construção dessa auto-estima e, concomitantemente, para o resgate da consciência do poder de transformação social desse sujeito.

Se, por um lado, afere-se o crescimento da participação das pessoas de vilas e favelas na esfera das manifestações culturais, por outro verifica-se o declínio da participação política, especialmente após o recrudescimento da violência (que isola as pessoas em suas casas) e a elevação das taxas de cobertura das áreas com serviços básicos (o que desmobiliza as associações de moradores, tradicionalmente focadas nas questões urbanísticas).

E se o conceito legal de cidadania restringe-se à detenção de direitos políticos, o envolvimento do público de vilas e favelas com arte amplia tal conceito e revela outro viés de construção da cidadania e inclusão social: o produto artístico traz, em si, a história dos agentes culturais e de sua comunidade e as propostas de sua transformação. Nesse contexto, a arte fornece aos agentes de vilas e favelas elementos de efetiva participação política, que ultrapassa a noção legal. É exatamente na ampliação do conceito de cidadania que se torna possível a transformação social pela via artística.

Entre os fatores que têm contribuído para um maior envolvimento dos moradores de favela – especialmente jovens - em questões relativas à arte – seja como público ou como artistas -, mencionamos o fato de constituírem práticas sociais que oferecem a experiência da inclusão e do pertencimento a um grupo social diferenciado. Como nas tribos urbanas citadas por Mafesoli, laços são criados mediante múltiplas motivações e podem durar mais ou menos tempo, mas sempre trazem em si traços que propiciam ao indivíduo a participação em uma comunidade emocional que fortalece a socialidade. Nesse contexto, arte e demais manifestações culturais têm papel primordial na criação e desenvolvimento desses laços afetivos e, conseqüentemente, no combate à marginalização e na oferta de novas alternativas socialização e construção da cidadania para uma juventude exposta cotidianamente a riscos sociais diversos.

Contribui para o desenvolvimento dos processos de socialização e construção de novas alternativas de participação, acesso à informação e aos bens culturais que a cidade oferece, bem como a troca de experiências com grupos de outras regiões da metrópole. Tais trocas de experiências dizem respeito a outro ponto a ser destacado no processo: a veiculação da manifestação artística. O processo de reconhecimento, por outrem, da arte produzida – que envolve, como exposto anteriormente, a questão da auto-estima – tem como etapa essencial a amplitude de sua exposição ao público.

A existência de grupos de periferia que vêm fazendo sucesso na mídia nacional, especialmente na música, contando sua própria história, torna-se fator de reprodução de condutas nas comunidades em tela. Reconhecer-se na TV, no jornal ou rádio – e, logicamente ver-se reconhecido por outros, tanto de sua comunidade como de pessoas de diversificados padrões socioculturais – funciona como incentivo à continuidade da prática da produção artística e permite ao artista das vilas e favelas perceber que há um espaço para exposição de sua história e de sua comunidade e que existem pessoas interessadas em ouvir o que ele tem a dizer. Em dúvida, tal fato produzirá um sentimento de pertencimento – pois será reconhecido como parte de uma comunidade – e de inclusão social, a partir do momento em que sua manifestação for ouvida como forma de participação política e transformação social.

A idéia de construção da cidadania, de inovação na forma de participação sociopolítica mediante processos culturais vem sendo ampliada, e as políticas públicas, movimentos sociais e as organizações não-governamentais que trabalham em vilas e favelas têm alterado suas práticas e propostas de ação nos últimos anos, colocando a arte e a cultura na pauta de prioridades.

Cursos de teatro, dança e artesanato, oficinas de música, de vídeo, de grafite ou de produção e gestão cultural, por exemplo, são muito mais oferecidos atualmente às populações de baixa renda do que os tradicionais cursos profissionalizantes como os de pedreiro, manicure ou costureira, ou ainda aqueles do tipo “como fazer sabão” ou “como fazer vassouras com garrafas pet”, que predominaram nas décadas de 1980 e 90, cujos resultados finais só mantinham o status quo, sem fornecer aos participantes possibilidades de inserção social, seja como forma de produção de renda, seja como forma de participação sociopolítica.

A busca da identidade - própria ou social, mediante processos de diferenciação e de semelhança -, do espaço para desenvolver um trabalho próprio e ter oportunidade de

mostrá-lo ao público é comum tanto na cidade formal como nas vilas e favelas. No entanto, a falta de canais de divulgação atinge mais duramente os “fazedores de arte” das vilas e favelas, prejudicados pelas constantes ausências de recursos financeiros e de acesso aos meios convencionais de exposição ao público, o que acarreta o confinamento da sua produção artística aos limites da região geográfica em que residem.

Finalmente, sempre resta a esperança de se ganhar a vida fazendo o que se gosta, ainda que em poucos casos isso se concretize a curto ou médio prazos.

Em linhas gerais, os artistas da periferia apresentam como principais problemas e necessidades os fatores a seguir:

- falta de espaços para produzir, ensaiar, apresentar e comercializar seu trabalho;
- falta de patrocínio e condições materiais para produzir sua arte – gravar cd, publicar livro, entre outros ;
- falta de divulgação e visibilidade – ausência de acesso à mídia em geral;
- preconceito do restante da população, que ainda acredita que nas vilas e favelas só há bandidos e marginais;
- falta de articulação entre os diversos grupos culturais, que não têm trabalhos em conjunto e sequer conhecem a produção de outros grupos de periferia.

Considerando o cenário exposto, a partir da publicação do Guia Cultural, entendemos que sua eficácia, dentro do que se propunha, só seria atingida caso fossem implementadas efetivamente ações de apoio aos grupos culturais da periferia da cidade. A simples publicação de um guia, a ser guardado em alguma gaveta ou estante de biblioteca, não contribuiria, de fato, para a transformação da realidade encontrada.

Por outro lado, aguardar que o poder público, agora informado dessa realidade cultural das vilas e favelas, incorporasse, em sua agenda de prioridades, a produção dos artistas da periferia, direcionasse recursos e políticas para tal estrato da população e, por fim, agisse com celeridade para implementar ao menos parte das ações necessárias, era, a nosso ver, uma quimera.

Portanto, decidimos implementar uma série de ações nas vilas e favelas, em parceria com grupos nelas residentes e outras organizações que trabalham com o terceiro setor.

Para dar forma jurídica à idéia, foi criada a Associação Civil “Favela é isso aí”, hoje com 12 (doze) membros. Nos termos do artigo 2º do Estatuto Social, a Associação Civil FAVELA É

ISSO AÍ tem a missão de proporcionar a inserção social e a construção da cidadania, como forma de contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, mediante promoção da atividade artística e cultural dos moradores de vilas e favelas.

Na consecução de seus objetivos, a associação desenvolve uma série de ações que visam a: divulgar os trabalhos artísticos e culturais desenvolvidos pelos moradores de vilas e favelas; fomentar e apoiar a produção artística e cultural dos moradores de vilas e favelas; ampliar a visibilidade dos artistas e agentes culturais das vilas e favelas, bem como das comunidades a que pertencem; promover e ampliar a inserção do produto no mercado cultural; favorecer a capacitação técnica e profissional dos artistas e agentes culturais; propiciar a formação de uma rede de intercâmbio cultural entre as comunidades de vilas e favelas e entre elas e os órgãos públicos afins; contribuir para aumentar o acesso dos artistas e agentes culturais de vilas e favelas aos meios de comunicação; criar oportunidades e desenvolver atividades que possibilitem aos moradores de vilas e favelas o efetivo e legítimo exercício do direito constitucional de expressão artística e cultural.

Entre as ações já desenvolvidas por este grupo destacam-se:

- criação e manutenção de um [sítio](http://www.favelaeissoai.com.br) na *internet* sobre a arte das favelas (www.favelaeissoai.com.br);

- realização de cinco documentários com artistas das favelas, quais sejam:

- 1 - Iracema, a mãe sertaneja - vídeo de aproximadamente 11 minutos que mostra a realidade de Iracema Pereira de Jesus, 72 anos, moradora da vila São Miguel / Vietnã. Desde os cinco anos de idade compunha uma dupla sertaneja, já foi caminhoneira, trabalhou em diversos circos mambembes e continua lutando para mostrar sua arte, enfrentando todas as dificuldades. Nas palavras de Iracema: “artista não aposenta, artista quer morrer em cima do palco”;

- 2 - Marcelo Ribeiro – documentário de 6 minutos realizado com o instrumentista e *luthier* Marcelo Ribeiro, morador da Vila Universo. Além de fazer música de raiz, o artista diz que sua música é *new age*, por tratar da terra, da natureza e do destino do homem. Faz trabalho voluntário com crianças abandonadas na Casa-lar Copacabana, ensinando música;

- 3 - Felicidade – documentário de 15 minutos que mostra o movimento cultural do Conjunto Felicidade, Zona Norte da Capital, a partir do local onde as bandas se encontram: o Bar do Geraldo. Seu proprietário é sanfoneiro e tocou na noite de Belo Horizonte por mais de 10 anos, mas se desiludiu com a desvalorização e a exploração do músico profissional,

abandonou a carreira artística e hoje vive de seu pequeno comércio. Lá, ele cede espaço para artistas iniciantes ensaiarem e criou à sua volta um movimento que conta com bandas de diversos estilos, entre elas Secret Ilusion (rock), Mosca Faminta (punk), Terráqueos (rap core), Índios Urbanos (pop rock) e Beto Cheiro Bom (farró e baião);

4 - Aruê das Gerais – grupo de dança afro do Conjunto Mariano de Abreu, zona Leste da Capital – com 18 anos de existência, nunca se formalizou e nem conseguiu apoio, lutando diariamente para afastar jovens da droga e do tráfico;

5 - Brother Soul – grupo de dança funk e soul, residente no conjunto Jatobá, no Barreiro;

O reconhecimento da importância do trabalho que vem sendo desenvolvido há três anos veio com o convite à Associação Favela é Isso Aí para integrar, em 2004, a Rede Telemig Celular de Arte e Cidadania, participando assim da construção de uma rede de grupos que percebem o papel primordial que têm a arte e a cultura na transformação social e na inclusão cultural de parcelas até então marginalizadas da sociedade ([site www.tcartecidadania.com.br](http://www.tcartecidadania.com.br)).

O projeto também foi aprovado em diversos órgãos de fomento, destacando-se os seguintes:

- Banco do Nordeste – apoio para publicação de coleção de livros com textos e ilustrações dos moradores das favelas de Belo Horizonte, incluindo um livro de poesias, um de contos, um de peças de teatro, um de quadrinhos dos moradores das favelas e um de “comida de favela”, com receitas e relação de bares e lugares legais para se freqüentar nas vilas de Belo Horizonte;

- Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Lei Municipal de Incentivo à Cultura – apoio para o mesmo projeto acima citado - Poesia e Prosa no Morro – A produção literária das vilas e favelas de Belo Horizonte;

- Instituto Telemar – Projeto Articulação e Visibilidade para Artistas da Periferia – dentro do projeto Novos Brasis, o patrocínio do Instituto Telemar vai apoiar as seguintes ações:

1 - Implantação de um fórum permanente de arte e cultura da periferia, que pretende ser uma instância de articulação entre os diversos artistas das favelas, bem como espaço para discussão de propostas para uma política cultural mais inclusiva na nossa cidade;

2 - transformação do sítio do projeto em um portal que comportará, inicialmente, além da página do projeto Favela é Isso Aí, três sítios que divulgarão grupos e movimentos artísticos de favelas da capital;

3 - constituição de uma agência comunitária de notícias das favelas da cidade, que produzirá matérias semanais sobre essas áreas, a partir da visão dos próprios moradores e artistas do local, com veiculação via rádios comunitárias de Belo Horizonte, mídia convencional e site do projeto. Além de uma agência central, que atenderá a todas as favelas, serão implantados três escritórios regionais, em aglomerados de Belo Horizonte, a ser escolhidos de acordo com a região e o nível de intervenção de programas socioculturais existentes.

O Planejamento do projeto Favela é Isso Aí para o biênio 2005/2006 inclui, além da realização das ações ora patrocinadas, acima citadas, a implementação das seguintes propostas:

- gravação de um CD com 10 bandas das favelas de Belo Horizonte, com *show* de lançamento gratuito em praça pública da cidade;
- realização de 10 vídeo-clips para essas bandas, gravados ao vivo no dia do *show* de lançamento;
- continuidade da realização dos documentários dos artistas das favelas, pretendendo realizar vídeos do Grupo do Beco (teatro, Barragem Santa Lúcia), Grupo de Teatro Bonecos Encantados (Vila Alto Vera Cruz) e do grupo de rap Guardiões da Rima (conjunto Taquaril), do grupo de Djs de *Hip Hop Scratch Masters*, além de outros a serem selecionados.

É importante realçar que, até onde temos conhecimento, a iniciativa de realizar uma pesquisa em todas as vilas e favelas de uma determinada cidade, a fim de conhecer sua produção artística, bem como de tornar público esse conhecimento, através da publicação de um guia, é uma iniciativa inédita no país, não havendo nenhum trabalho com tal abrangência nas capitais brasileiras.

A continuidade do trabalho que desenvolvemos também nos parece relevante, uma vez que se baseia não apenas em uma teoria que entende a arte como fator de transformação social, mas também em um conhecimento empírico, fundamental para se atingir os resultados propostos de maneira democrática, participativa e transparente.

Ao se buscar analisar os resultados sociais da idéia proposta, vê-se que ainda não é possível avaliar o impacto social sobre a realidade das comunidades trabalhadas, pois

estamos apenas no início de sua implementação. Entretanto, percebe-se que as ações desenvolvidas já apresentam resultados específicos, que indicam grande potencial futuro de mudança na situação apontada anteriormente.

Do ponto de vista dos **resultados atuais**, realçam-se:

- a ampliação da divulgação da produção artística das vilas e favelas, mediante sítio do projeto na internet, com visitação diária média de 40 pessoas;
- o convite para apresentações artísticas diversas, entre elas no Terceiro Encontro do Terceiro Setor em Minas Gerais, realizado pelo Ministério Público / CAOTS em junho de 2005. Nesse encontro, apresentaram-se 13 grupos culturais indicados pelo Guia, com sucesso absoluto entre os participantes, tendo havido, inclusive, propostas para *shows* e apresentações em outros eventos e locais;
- a divulgação de diversas matérias com os grupos da periferia nos meios de comunicação mineiros – jornais e tv;
- a troca de experiências e conhecimento entre grupos da periferia, que, antes da existência do Guia, não se conheciam e não realizavam trabalho conjunto;
- a formação de uma associação de artistas do Aglomerado da Serra, denominada CRIART, a partir da publicação do Guia e do trabalho com o projeto Favela é Isso Aí;
- a formação de grupos de artesãos para capacitação via Câmara de Dirigentes Lojistas – CDL/BH e comercialização dos produtos nas lojas da Savassi (Projeto Sempre Savassi);
- a parceria a ser formalizada com o Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal em Minas Gerais, com o intuito de promover apresentações dos grupos de vilas e favelas de BH no auditório da entidade sindical, uma vez por mês, no projeto cultural pré-intitulado “A vez e a voz do morro”.

Um depoimento de um grupo cultural, parceiro do projeto, mostra um pouco essa trajetória:

“O trabalho do Favela é Isso Aí tem uma extrema importância para o cenário cultural de Belo Horizonte, Minas e do Brasil. Vejo, no seu trabalho inicial - a catalogação dos artistas e grupos de periferia de BH -, um trabalho magnífico, que veio a virar Guia, essencial para conhecimento de todos, desde o artista que teve seu trabalho incluso até o Governador do Estado. Mostra o nosso povo, que, mesmo sem condições, não desiste de batalhar e ainda tenta pelo lado mais

difícil, o de viver de cultura, ainda conciliando com os trabalhos formais, o que faz com que, às vezes, o que era para ser um sustento vira lazer e descontração nos fins de semana. Por isso, o trabalho da ONG Favela é Isso Aí, que não mediu esforços em um trabalho ousado, árduo e delicado, de buscar esses atores sociais dentro do seu ambiente, se destaca aos poucos e começa a colher os seus devidos frutos, que esperamos que sejam muitos. Esse trabalho, com seu site, Guia e os projetos de unir e fortalecer esses e outros artistas, é fundamental para Minas Gerais e Brasil. Nós somos um dos beneficiados diretos desse projeto e nos orgulhamos de dizer que somos parceiros da ONG Favela é Isso Aí.” (Victor Luciano, 24 anos, Agente Cultural e Coordenador Executivo do Grupo Cultural Arautos do Gueto - Aglomerado Morro das Pedras, Regional Oeste)

Quanto ao potencial de impacto futuro, por meio das ações propostas, pretende-se:

- contribuir para reduzir a discriminação em relação aos moradores de vilas e favelas, com a construção de uma nova visão na mídia sobre os aglomerados da cidade, mais focada no aspecto positivo da arte e da cultura e menos voltada para a apologia da violência e da marginalidade;
- melhorar as condições de acesso dos grupos das favelas ao “fazer artístico” e ao mercado cultural, introduzindo-os no circuito cultural da cidade de Belo Horizonte e mesmo do Estado;
- gerar renda para os artistas das favelas, mediante comercialização de seus produtos culturais;
- ajudar a prevenir e minimizar a violência, com a ampliação das ações culturais nos aglomerados da cidade.

Em relação ao número de beneficiários potenciais, não é possível ainda medir o alcance da proposta, principalmente a partir de estratégias como a implantação das agências de notícias, que pautarão os jornais e mídia convencional do Estado.

Entretanto, sabe-se que com a manutenção da visitação diária de 40 acessos ao portal do projeto, ter-se-á, no mínimo, um público de 15 mil pessoas via internet no prazo de um ano.

Ademais, o número de artistas cadastrados no Guia, cerca de 7 mil pessoas, já pode ser considerado público atingido diretamente pelo projeto e que será ampliado a partir de sua atualização no ano de 2006.

Afinal, entendemos que o reconhecimento da diversidade cultural e o acesso das artes das vilas favelas ao mercado cultural de Belo Horizonte são fatores que podem contribuir para a consolidação de um movimento sócio-cultural forte e atuante na cidade, com a aglutinação de pessoas em torno não só de um produto como também de um projeto comum. Tal estrutura permitirá maior democratização do acesso à mídia e contribuirá para melhorar a perspectiva dos artistas ou agentes culturais que, em outras épocas, não vislumbravam oportunidades no mercado de trabalho, nem mesmo no pequeno círculo das comunidades em que atuavam.

O projeto Favela é isso aí pretende resgatar a dignidade do artista popular, cujo trabalho vem sendo desenvolvido, na obscuridade, nas vilas e favelas de Belo Horizonte. Ao criar condições para que o trabalho dessas pessoas seja divulgado e conhecido, o projeto tenta manter ativo e mais fortalecido um foco de resistência da cultura popular frente à chamada globalização cultural. Possibilita, ainda, o surgimento de um movimento inverso àquele conservado pela grande mídia, que, muita vez impelida pela indústria cultural, tenta induzir à aceitação de um modelo único e autoritário de produto cultural. Como consequência, em alguns casos, o projeto pode criar condições de maior visibilidade das comunidades a que pertencem os artistas, e passa a produzir, portanto, efeitos generalizados de melhoria da qualidade de vida.

Por tudo isso, entendemos que o projeto encontra-se intimamente vinculado à construção da cidadania, pois favorecerá, entre outros, o efetivo gozo dos direitos de expressão de uma parcela da população que, hoje, se vê excluída do meio artístico/cultural, por não possuir condições básicas de infraestrutura técnica, nem acesso ao mercado, para a produção e divulgação de seu trabalho.